

A EDUCAÇÃO DE NOSSAS CRIANÇAS: QUEM ENSINA A VIOLÊNCIA? ^[1]

Lidia Natalia Dobrianskyj Weber

Psicóloga, Professora da UFPR (graduação e pós-graduação) e Coordenadora do Projeto Criança, Mestre e Doutora em Psicologia pela USP; membro da Comissão da Criança e do Adolescente da OAB-PR -

*"Não tenho um caminho novo,
o que trago de novo é o
jeito de caminhar..."
(Thiago de Mello)*

Muitas vezes os pais perdem sua paciência e espancam seus filhos. Podem estar com medo, com ansiedade e não saber o que fazer, então pensam que estão educando ao dar uma surra em seu filho. Imagine o seguinte exemplo: a mãe está conversando com a vizinha do seu prédio e vê sua filha de 3 anos de idade debruçar-se na janela do décimo andar. Nesse momento de ansiedade a mãe pode correr para a filha, tirá-la de lá, e como está muito preocupada, sem saber o que fazer, com um pouco de culpa por não ter olhado melhor para o que a filha estava fazendo, dá-lhe uma surra. A mãe diz que a surra vai servir para que a criança lembre do momento de perigo e que, apesar de "doer mais em mim do que nela", deve fazer isso para o "próprio bem da filha". Veja só, na verdade, esta mãe estava sem saber o que fazer e extremamente nervosa com a situação de perigo. Com a surra, ela conseguiu somente aliviar a sua angústia e raiva, mas em nada ajudou a sua filha.

Espancar, bater, dar uma surra, pode aliviar a frustração, ansiedade, raiva ou preocupação dos pais em determinado momento e pode fazer com que *momentaneamente* aquele comportamento indesejado desapareça. Mas, bater, ou seja, a punição física é **o método menos eficaz de disciplina**.

Se cada pessoa e cada vínculo afetivo são únicos, é preciso se perguntar se é realmente possível ensinar uma pessoa a educar o seu filho. Nós precisamos de licença para dirigir e para ensinar outras crianças; nós fazemos cursos para lidarmos com nosso computador novo e lemos o

manual da aparelho de som repleto de botões cujas funções não sabemos para que servem. No entanto, imaginamos que temos todo o conhecimento necessário para educarmos nossos filhos, única e exclusivamente porque lhes demos a luz. Atualmente até se fala em cursos para pais que decidem adotar uma crianças, mas nada se diz sobre como os pais "biológicos" devem se preparar para educar seus filhos.

É possível dizer que cada pessoa que deseja tornar-se mãe ou pai sabe o que fazer para tornar aquele recém-nascido em uma pessoa "de bem"? Será que uma pessoa transforma-se em pai e mãe no momento em que seu filho nasce? Qual é o momento exato em que incorporamos a parentalidade? Se os psicólogos estudam e trabalham com o comportamento humano, é possível ensinar aos pais as leis gerais da conduta humana e prevenir os abusos e os maus-tratos na infância? Ou ninguém deve interferir na educação dos filhos "dos outros" porque cada família sabe o que faz? Por que, até hoje, a punição física é utilizada como método educativo se a ciência psicológica, há muito tempo, mostrou que bater e dar surras não é um método eficaz e duradouro para educar uma criança?

Estamos quase na porta de um novo milênio, e a violência educativa está claramente banalizada em nosso país. "*Dar uma boa palmada*" como método educativo está fortemente enraizado no cotidiano das pessoas, apesar de todas as palavras que denunciam estes métodos. As pessoas gostam de afirmar que "*eu sempre apanhei de meus pais e como estou bem, vou continuar a fazer isso com meus filhos*". É preciso refletir que a criança sempre foi considerada, na história da humanidade, como uma propriedade de seus pais que podiam fazer com ela o que lhes aprouvesse. A violência nos métodos educativos previam "domesticar" a criança, considerada um mini-adulto imperfeito, até que ela se tornasse um adulto. Não é possível deixar de pensar sobre o tipo de sociedade que temos hoje, feita exatamente por crianças que sofreram coerção e violência, e, portanto, aprenderam a utilizar estes mesmos métodos na construção do mundo, perpetuando uma sociedade imersa na lei do mais forte. Não está

na hora de criar uma nova geração? Se não for agora, quando? Se não for você, quem será?

Os estudos psicológicos já demonstram há muitos anos que crianças maltratadas tornam-se adultos agressores. Existe uma necessidade premente, em todo o mundo, de sensibilizar a sociedade para acabar com o castigo físico como método educativo, oferecendo alternativas que não humilhem, que não agridam e que respeitem a dignidade da infância. Falar deste tema no Brasil é urgente, pois nosso país possui uma população ainda bastante jovem, pois em seu perfil demográfico, cerca de 40% da população tem menos de 17 anos. Nada é mais importante do que a atenção e o cuidado com que uma nação proporciona às crianças e aos adolescentes e é evidente que a proteção à infância e à juventude devem passar pelos canais de educação e comunicação tanto no âmbito privado quanto público. Como professora e psicóloga, acredito na **educação** como instrumento de mudança e como um instrumento de cidadania. Não é possível "dar" a cidadania para uma pessoa, mas deve-se "educar" para a cidadania. Quem educa uma criança senão seus pais em primeira instância? Quem deverá educar "para a não-violência" e para que essa criança seja uma cidadã digna? Os pais.

Acredito que a psicologia tem muito a contribuir no aspecto da educação e das leis que regem o comportamento e, embora tenha certeza de quem não existe uma única "receita" que seja consistente para todas as famílias e todos os modos e dias, é possível estabelecer algumas reflexões e ajudar aos pais ou futuros pais as tarefas que terão pela frente no momento em que estiverem diante do seu filho. Entre as possibilidades de temas de conscientização que podem ajudar os pais a enfrentar a árdua tarefa de educar uma criança:

- **Os pais.** A culpa por trabalhar fora de casa. Os brinquedos em demasia. Não quero traumatizar meu filho. Quero dar a ele tudo o que eu não tive. Sem limites e crianças inseguros. Não tenho tempo para brincar com os filhos. Chego cansado em casa e quero relaxar.

- **A construção da auto-estima:** porque é importante (crianças que gostam de si mesmas, gostam de se comportar bem!)
- **O que é comportamento:** aquisição e manutenção. Conseqüências: o que nos ensinam e qual sua influência sobre o comportamento? Como posso analisar o comportamento sem seu um psicólogo?
- **O que são limites afinal?** Como ensinar regras e, com isso, propiciar segurança aos filhos; algumas não dá para negociar (escovar os dentes, tomar banho...);
- **O que é punição?** Tipo I, tipo II. O que é punição destrutiva? Por que a punição física não deve ser usada como método educativo.
- **As relações familiares.** Pai e mãe devem ter o mesmo discurso, mesmo quando separados (discordem longe dos filhos); *videogames* e televisão: o que fazer? Como limitar?
- **As alternativas à punição física:** *time out* (retirar a criança da situação); aprendizagem de comportamento incompatível; compreensão das fases de desenvolvimento da criança etc.

As questões da educação infantil, limites, punições, qualidade do tempo e afeto na educação, estão presentes em qualquer discussão da atualidade. Depois da influência da década de 60 onde o lema era "é proibido proibir" e achava-se que, após gerações de tirania na educação, o correto era criar filhos sem "traumas" e sem dizer "não". O grande problema é que o excesso de "psicologismo" trouxe insatisfação aos pais que não sabiam o que fazer com certos comportamentos de seus filhos, pois fala-se em "não traumatizar a criança" mas nada se dizia acerca de como estabelecer os limites necessários a formação de uma identidade tolerante à frustração, observadora de regras sociais e, ao mesmo, tempo criativa. Atualmente a educação infantil passa por um momento de transição, no qual os pais e educadores encontram-se sem suportes sólidos para suas convicções pessoais. Passa-se de um extremo a outro na educação dos filhos: ou filhos absolutamente sem limites ou filhos criados ainda com base no autoritarismo e, principalmente, com o recurso da punição física e, conseqüentemente, da agressão e violência. É desse segundo aspecto que gostaria de comentar neste momento.

Uma pesquisa que estamos realizando junto ao atendimento do SOS-Criança revela dados assustadores no que tange à violência doméstica contra a criança. O SOS-Criança é um programa da Prefeitura Municipal de Curitiba que visa a proteção Integral à crianças e adolescentes vítimas de Violência Doméstica, como a agressão física, negligência e abandono, abuso sexual e maus-tratos psicológicos. Atua através de denúncias da comunidade e faz o Diagnóstico, Promoção, Defesa e Prevenção dos maus-tratos ocorridos dentro de casa contra Crianças e Adolescentes, atendendo ao estatuto da Criança e do Adolescentes, promulgado em 1990 no Brasil. Em 10 anos de funcionamento já recebeu 26.000 denúncias e fez 25.000 orientações para as famílias. As notificações são recebidas através do telefone ou pessoalmente e é garantido o anonimato. A secretária faz o registro e encaminha para o Serviço Social que estabelece o grau de prioridade para a entrevista domiciliar, desencadeando-se a atuação profissional através da equipe multiprofissional de Assistentes Sociais, psicólogos, Advogados e estagiários das áreas. No Brasil estima-se que apenas 20% dos casos de maus-tratos sejam denunciados. O fenômeno da violência doméstica contra crianças e adolescentes é muito mais freqüente do que se possa imaginar. A notificação dos casos a órgãos competentes é uma prática pouco exercida pela comunidade e o pacto do silêncio paira trazendo danos à crianças e sua família. O número de crianças submetidas à violência dentro da família, como espancamento, estupros entre outras formas, vem se tornando cada dia mais evidente.

Em nossa pesquisa encontramos uma média de 300 denúncias mensais, sendo que aproximadamente 50% delas referem-se a agressões e maus-tratos. Das agressões, 52% delas é cometida pelas mães, embora o pai, quando agride, é muito mais violento do que a mãe. Das fichas onde havia esta informação, nota-se que em 60% dos casos o agressor justificava o seu ato dizendo que espancou *"para corrigir o comportamento do filho"*.

A violência é uma forma de opressão e de coerção e ela, infelizmente, encontra eco favorável na própria estrutura familiar. Todo tipo de agressão é injustificável, tanto do ponto de vista ético, moral, social humano,

quando psicológico e científico. Ela simplesmente perpetua um círculo vicioso no qual o agredido passa a tornar-se agressor. Estudos recentes indicam que o espancamento de crianças com o objetivo de punição por seus comportamentos agressivos, torna-as ainda mais agressivas e com comportamentos anti-sociais. A situação, portanto, é de urgência, se queremos começar a construir um mundo menos violento, pois uma criança ao ser educada com punições físicas, aprende exatamente o mesmo princípio para sobreviver no mundo: a coerção, a agressão, o poder e a violência.

Alguns resultados encontrados nessa pesquisa:

1 – A maioria absoluta das denúncias foi feita por vizinhos e este aspecto mostra a relevância do envolvimento da comunidade nas situações de violência contra a criança. Este é um fator que indica o motivo do grande número de casos de violência associados a precariedade financeira, pois geralmente os vizinhos preferem não envolver-se na situação. Os casos que ocorrem em ambientes onde existe precariedade material e financeira, as residências são mais expostas como as favelas e, portanto, os vizinhos têm acesso maior a intimidade de outras pessoas.

2 - A maior parte das denúncias foram realizadas em função do *direito de liberdade, respeito, dignidade*, ou seja, a maioria absoluta das denúncias foi feitas porque os vizinhos acharam que estava havendo casos de maus-tratos, violência e agressão física a uma criança.

3 - As vítimas mais atingidas foram os adolescentes: mais de 12 anos. Geralmente é nessa idade que o conflito de gerações se intensifica e o pensamento de que a punição física pode solucionar a rebeldia é uma evidência. Aconteceram muitos casos em que o adolescente saiu ou foi expulso de casa por seus pais. O cruzamento de dados mostra que crianças que sofrem violência e agressão mais freqüentemente estão, em primeiro lugar, na faixa entre 5 e 7 anos e, em segundo lugar, na faixa entre 11 e 12 anos. Crianças que sofrem mais casos de negligência material, abandono estão na faixa entre 1 e 5 anos.

4 – A maioria dos atingidos têm cor da pele branca.

5 – Em 36% dos casos a criança atendida estava em más ou precárias condições de higiene – vítimas de abandono e negligência.

6 – Foram vítimas mais meninas do que de meninos.

7 – Quando investigado porque utilizou da violência contra uma criança o agressor relatou que tinha o objetivo de disciplina o comportamento da criança ou adolescente. Em segundo lugar, o autor negou a denúncia. É notável o uso de drogas e álcool declaradas e mesmo o fator "stress". Entre outros motivos, estavam o fato de ter brigado com seu companheiro! A maioria das famílias alegaram que estavam "educando", "corrigindo o comportamento" da criança ao se utilizar da agressão e da violência física. Percebe-se claramente a falta de informação e de esclarecimento da população em geral e a associação com o uso de álcool e drogas. Quando há casos de verificação de uso abusivo de álcool por parte da mãe, a denúncia verificada envolveu mais freqüentemente a negligência em relação à criança. Uso de álcool por parte do pai também envolve negligência, mas casos de violência e agressão a criança são freqüentes.

9 – Na maioria absoluta dos casos a criança não foi encaminhada a um médico. Os casos encaminhados referiram-se a situações mais graves de violência física.

10 – Em 38% dos casos a criança encontrava-se abalada emocionalmente por ocasião do encontro com a equipe do SOS-Child. Mas em outros 39% essa situação não foi descrita em seu processo.

11 – A mãe foi, em 52% das vezes, a principal agressora contra a criança e adolescente. Em segundo lugar encontra-se o pai e, em seguida, mais

de um agressor, geralmente a mãe e mais algum parente, ou novo companheiro.

12 – Na maioria das vezes o agressor usou as mãos e/ou os pés na agressão contra a criança. Aqui se inclui a “síndrome do bebê sacudido” – sacudidas violentas que levam à hemorragia intracraniana e intraocular, sem sinais externos de trauma da cabeça ou pescoço. Bater na cabeça da criança, chutar, beliscar, pisar, espancar, puxar os cabelos. Em segundo lugar, aparece o uso de algum objeto na parte superior e inferior do corpo – queimar a criança com cigarros, surrar com cinta, varas. Em seguida, aparece “outros tipos de agressão: jogar a criança na parede, morder, fornecer drogas. O cruzamento de dados que quando a mãe é a denunciada, em 46% dos casos ocorrem maus tratos físicos ou violência; Quando o autor principal é o pai, em 43% dos casos ocorre violência e 14% abuso sexual. Embora as mães sejam responsáveis pelo maior número de denúncias, quando o pai é o autor, a violência e agressão à criança é maior: com ele não existe simplesmente "maus-tratos", sempre casos de violência e agressão, ou seja, com lesões físicas. Ao pai também estão associados a maioria dos casos de expulsão de casa O pai atingiu mais freqüentemente meninas (64%) do que meninos (36%); a mãe foi responsável por negligência e agressões tanto de meninas (46%) quanto de meninos (54%)

13 – Na maioria absoluta dos casos, 70%, os pais da criança não viviam juntos por ocasião da denúncia, ou seja, a família era chefiada por uma mulher. Na maioria dos casos, viviam na casa da vítima de 3 a 5 pessoas.

14 – A casa estava em boas condições de higiene, era uma casa apropriada e a situação da denúncia não estava associada com um problema econômico, mas a família incluía-se na classe C (pobre) em sua maioria e não na D (miserável). Cruzamento de dados mostra que metade dos casos onde houve *negligência material* em relação à criança, havia uma condição financeira de miséria ou pobreza. Isso significa que quando há confirmação que a situação financeira precária está associada à denúncia, há maior número de casos de negligência e não de violência. Há

maior probabilidade da miséria material levar à negligência do que à violência! Esse dados é importante se comparado com dados obtidos de familiares de crianças institucionalizadas. A maioria vem de uma família muito pobre e a maioria foi denunciado por negligência. Isso indica que casos de negligência (pobreza, miséria) são punidos com a institucionalização dos filhos, em vez de maior assistência à família. E em casos de violência e agressão recebem orientação. No cruzamento dos dados entre classe econômica e tipo de agressão, revelou-se que a classe média alta realizou um número muito maior de agressões proporcionais do que nos segmentos mais pobres. Isso mostra de maneira clara que a violência é muito democrática e aparece em todas as classes sociais e, ao contrário do que se imagina, não está necessariamente relacionado com pobreza. Nas classes mais baixas ocorrem maior número de negligencia e não de violência!

15 – Embora não houvesse informação em todos os processos, verifica-se grande uso de álcool por parte dos cuidadores da criança. Imagina-se que este número é ainda maior do que o verificado.

16 – Embora a maioria tivesse sido denunciada pela primeira vez, em 40% dos casos havia pelo menos uma reincidência da situação - há casos com mais de 8 reincidências! Parece faltar mais acompanhamento.

Estes dados e a literatura sobre maus-tratos, revelam alguns **fatores de risco** para a violência doméstica contra a criança:

1. Drogas e álcool
2. Pobreza; família monoparental
3. Pais sem habilidades para serem pais; muito jovens
4. Pais que sofreram agressão na infância: Os maiores agressores são os pais biológicos. 89% da violência contra a criança no Brasil acontece dentro de casa
5. Capacidade limitada para lidar com frustrações ou perda fácil de auto-controle
6. Desemprego, baixa escolaridade

7. Compreensão (histórica) de que a criança é um ser de 2ª categoria
8. Expectativas não realistas sobre o filho; desconhecimento das fases de desenvolvimento

Algumas conseqüências para a criança:

- Baixa auto-estima
- Dificuldade em estabelecer vínculos afetivos
- Passa a ter uma compreensão errada de que a dor está associada com amor quando os pais repetem "eu tem amo, isso é para seu próprio bem"..*
- Isolamento ou agressividade
- A criança aprende que o poder é sempre do mais forte e, portanto, a violência é algo bom e permitido
- Traz danos emocionais tantos para os pais quanto para a criança
- Não somente pode machucar seriamente a criança, mas isso ensina para a criança que a violência é uma maneira aceitável para disciplinar ou expressar raiva
- Pode fazer com que o comportamento desapareça naquele momento, mas não ensina o que a criança deve fazer
- As relações de crianças e de pais que batem geralmente não têm confiança mútua nem senso de segurança
- Destroi a comunicação efetiva entre pais e filhos, pois a surra, a agressão transforma-se em um método de comunicação
- Pode causar dor emocional e ressentimento contra a vida

O que os pais podem fazer para educar com carinho e sem violência?
Educar é mostrar exemplos...

- **Ser consistente:** fazer regras lógicas e ajudar seu filho a entendê-las: escovar os dentes após as refeições antes de brincar; arrumar o quarto, dizer bom dia e por favor, estabelecer horários para a TV, para as refeições e lições, para sair e para voltar de casa... Lembrar que a casa não precisa ser um quartel: existe a possibilidade de flexibilidade também, em momentos especiais. Estabelecer conseqüências lógicas: se a criança

pintou a parede poderá ajudar a limpá-la; se quebrou propositadamente o brinquedo do irmão ficará sem mesada até poder comprar outro, etc.

- **Ser justo e firme:** modelar comportamento apropriado
- **Dar oportunidade de escolha** para a criança somente quando pretender aceitar a sua escolha: estabelecer expectativas antes que a criança comece um comportamento indesejado
- **Fazer a criança sentir-se valorizada**, amada e cheia de sucesso: reforçar comportamentos positivos e ignorar os negativos (a não ser os perigosos, destrutivos ou vergonhosos)
- **Estabelecer regras** "Se..... então". providenciar conseqüências para o comportamento inadequado imediatamente após ele ter sido realizado.
- **Brincar** com seu filho: a maioria dos pais passa ao lado e quase nunca tem um tempo de qualidade somente com o filho, sem interferência da TV, ou do jornal...
- **Proteger seu filho:** crianças muito pequenas têm o saudável comportamento de explorar o ambiente, assim não esquecer de esconder remédios, produtos de limpeza, colocar redes nas janelas, protetores nas tomadas, cuidar com a cozinha e, em vez de ficar gritando o tempo todo, colocar seus cristais fora do alcance...
- **Mostrar respeito** pelo filho e conversar sobre seus sentimentos; pais não têm o direito de xingar ou ameaçar os filhos.
- **Estar presente:** isso significa que mesmo que o pai e/ou a mãe passem o dia trabalhando, o filho deve saber como encontrar você e ter confiança de poder contar com eles.
- **Supervisionar** o filho: o que ele está estudando, com quem ele brinca, quem são seus amigos, ver suas notas, estimulá-lo.
- **Valorizar o filho:** elogiá-lo todas as vezes que vê-lo fazendo algo bom: brincando com o irmão, pedindo desculpas, pedindo sua permissão para algo ou sendo carinhoso.
- **Ensinar seu filho a não violência:** se ele for provocado por algum colega ensiná-lo a chamar um adulto e não a bater em quem o provocou.
- **Conversar com seu filho sempre e dedicar momentos somente para ele:** jamais não dar surras ou espancar, pois esse não é

caminho adequado. Quem não gostaria de uma sociedade com menos violência? Então é preciso começar com as crianças...

- **Crianças fazem o que os pais fazem e não o que os pais dizem.** Pais devem ser o modelo para o seu filho. Se os pais desejam que seu filho obedeça certas regras, resolva seus problemas e controle certos sentimentos, devem ser os maiores exemplo para isso.

- **Abraçar, beijar, fazer carinho, repetir que ama o filho. Nunca é demais!**

^[1] Weber, L. N. D. (2001). Quem ensina a violência? *Revista Conjuntura Social*, 6, 38-43. Rio de Janeiro-RJ.